


Isaias: escavador de conceitos, contador de histórias

Isaias: concept digger, storyteller

 HENRIQUE MESQUITA POMPERMAIER¹

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, BRASIL

Resumo

Homenagear pessoas como Isaias Pessotti pode ser considerada uma tarefa fácil, dado seu amplo reconhecimento e celebração. Mas também difícil, uma vez que sua obra e sua titulação já falam por si, e impõem o desafio sobre o que se poderia acrescentar a esse respeito. Diante dessa dificuldade, escolho salientar dois aspectos que, para mim, marcam a figura de Isaias - sua abertura e irreverência. A partir de algumas experiências como seu orientando, procuro contar como esses aspectos foram vividos como sinônimos de generosidade e comprometimento, muitas vezes apresentados em forma de histórias.


Palavras-chave: Isaias Pessotti, generosidade, irreverência.

Abstract

Honoring people like Isaias Pessotti can be considered an easy task, given his widespread recognition and celebration. But it is also difficult, since his work and his title already speak for themselves, and pose the challenge of what could be added in this regard. Faced with this difficulty, I choose to highlight two aspects that, for me, mark the figure of Isaias - his openness and irreverence. Based on some experiences as his postgraduate student, I try to tell how these aspects were experienced as synonyms of generosity and commitment, often presented in the form of stories.

Keywords: Isaias Pessotti, generosity, irreverence.

Nota. Financiamento. Chamada CNPq/MCTI/FNDCT No 18/2021. Processo: 423361/2021-0

 henrique.pompermaier@uftm.edu.br

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.18542/REBAC.V19I2.15671](http://dx.doi.org/10.18542/REBAC.V19I2.15671)

Foi com imensa alegria que recebi o convite para escrever este texto, em homenagem ao professor Isaias Pessotti. Contudo, logo essa alegria foi dividindo espaço como uma certa apreensão. Como fazer uma homenagem à altura de uma figura tão reconhecida e celebrada. O que poderia esse singelo texto fazer diante dos tantos títulos e reconhecimentos acumulados nesses 90 anos de vida, completados em setembro deste ano?

“Tarefa difícil é selecionar quais títulos acadêmicos, trabalhos científicos ou demais atividades por ele realizadas mais expressivamente contribuíram para o desenvolvimento da Psicologia como ciência, bem como para a formação de pesquisadores, docentes e psicólogos, tanto no Brasil quanto no exterior” (p. 9)

...como Otero (2006) adiantava na homenagem apresentada pela Sociedade Brasileira de Psicologia a seu membro honorário. Que contribuições teria para “ressaltar sua imensa capacidade em harmonizar ciência, literatura, história e criatividade” (p. 9)?

Buscando encontrar algum caminho para desenvolver essa tarefa, procurei revisitar e refletir sobre minha relação com Isaias. E percebi que ela nunca foi pautada por esses tais títulos, ou mediada por cerimônias relativas a isso. Ao contrário. Apesar de não ser um contato tão cotidiano, desde o primeiro momento foi franco, aberto e bem humorado. “Sabe qual sua maior qualidade: você gosta de cerveja”, disse ele, ao encerrarmos nosso primeiro encontro, em que ele topava “assinar os papéis” de orientador de mestrado.

“Não se preocupe, o trabalho está bom. E além do mais, hoje em dia estão dando título de doutoramento pra qualquer um...”, dizia ele entre risos, antes de minha defesa de doutorado. Essa abertura e irreverência são das características que mais me marcaram. Escolho falar sobre elas, sabendo deixar de falar de outras tantas coisas importantes, como suas obras, suas tantas qualidades, e talvez alguns defeitos, das quais certamente já falaram (e.g., Guerrelhas, 2012; Otero, 2006; ABPMC, 2021).

A abertura que encontrei em Isaias me foi apresentada logo de cara, na disposição de um professor premiado e reconhecido, aposentado, que ainda topava orientar um estudante de mestrado. Mas talvez mais que isso, um professor premiado e reconhecido, que orientava um estudante de mestrado, não a repetir suas ideias, repisar seus próprios passos, mas a explorar e estar atento ao que outros tinham a dizer. Ou ainda, na disposição de um professor premiado e reconhecido, aposentado, que dispensava qualquer formalidade fútil, que se dispunha a buscar (e devolver) o orientando na rodoviária para fazer os encontros de orientação, que se indignava e praguejava junto contra as burocracias e protocolos acadêmicos.

Isso que estou chamando de abertura também se realizava numa sensibilidade e generosidade. Diante de minhas dificuldades, Isaias não procurava sobrepujar-se ou desdenhar-me, marcar nossa distância entre um professor premiado e reconhecido e um mestrando de meia pataca. Ao contrário, quase sempre tinha uma história para contar, e a partir dela apontar para um caminho, ou mostrar confiança de que eu seria capaz de encontrar algum. Foi em contextos assim que pude ouvir sobre a admiração de um estudante de filosofia da “Maria Antônia” por alguns de seus mestres, como Gilles-Gaston Granger; do entusiasmo pelos trabalhos, convivência e amizade com “Dona Carolina” (Carolina M. Bori), e o “velho Keller” (Fred S. Keller). Ou sobre a demonstração de modelagem do comportamento feito por uma menina, atendida em uma instituição para crianças com desenvolvimento atípico na Itália, ao usar a descarga como reforçador para a resposta de um colega de usar a privada. Ou ainda, sobre as dificuldades e aventuras na época do cerco militar e desativação da UnB. Além, é claro, sobre os “desafios das variáveis” na elaboração da pesquisa com as abelhas, recusada inicialmente como exótica demais para o JEAB; e da sorte de haver encontrado um exemplar raro em uma biblioteca da Universidade de Roma, que lhe deu possibilidade de fazer cópias de outros tantos materiais de acesso restrito, relativos à história da loucura. Cada história se ligava a uma situação, oferecia algo, compartilhava sabedoria - conhecimentos e sentimentos.

Em uma fala na faculdade de medicina de Ribeirão Preto, Isaias definiu-se como um “escavador de conceitos da Psicologia”¹. Certamente suas obras são mais que suficientes para sustentar essa alcunha. Mas a ela, acrescentaria a de “contador de histórias”. Histórias acadêmicas, factuais; histórias literárias, criações; histórias de vida, experiências.

1 Palestra disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yqSTnSF7DsY&ab_channel=CanalFMRP

Certa vez, após receber alguma versão de um de meus relatórios, Isaias colocou-se ao meu lado, como jovem aprendiz de outrora, para compartilhar uma experiência. Contou-me uma história, em lugar de me dizer simplesmente “garoto, seu texto está ruim”, ou de marcá-lo com grifos e exigências de alteração.

Ao ser convidado a colaborar com Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, Isaias elaborou e entregou um relatório, do qual estava orgulhoso e certo dos louros e reconhecimentos. Foi chamado então por Perseu Abramo para conversar sobre o documento. “Você escreve para ser entendido ou pra mostrar que sabe escrever?”, perguntou-lhe em tom crítico o jornalista.

De fato, o rigor com a escrita, com a construção do texto, foi sempre algo salientado por Isaias em nossas conversas. Como pesquisador, como professor, “você precisa saber se comunicar”. Tal como um jornalista, um acadêmico também precisa “dar informação clara, rápida, em pouco espaço”. A orientação, contudo, vinha não como uma cobrança, mas como uma troca de experiência. O erro ali não era recebido como uma ofensa, mas uma oportunidade para aprender. “Com isso eu posso te ajudar - as outras coisas você corre atrás, nos textos, com os seus professores do programa...”. Além das revisões, correções e sugestões, a ajuda oferecida veio também pela apresentação das “regras de ouro para uma boa escrita acadêmica/científica”, que o próprio Isaias havia ouvido como complemento à crítica de seu relatório: a) “Abuse” do ponto final - evite frases longas; construa períodos curtos e bem encadeados; b) Busque sempre usar ordem direta e voz ativa; c) Busque substituir todos os adjetivos que puder por um bom verbo.

O rigor preconizado por Isaias não impedia a criatividade. Ao contrário, estaria seu serviço. Isso porque esse rigor não se desenvolvia por uma devoção cerimonial às regras, pela obrigação, mas sim pelo comprometimento com a comunicação do saber elaborado. Esse é um dos destaques reiterados pelo próprio autor ao falar da trama de seu premiado “Cães” (Pessotti, 1993). A turma de personagens pesquisava não porque era obrigada, mas porque estavam genuinamente interessados “em produzir saber e difundir conhecimento - isso devia fazer a Universidade. E ela hoje esqueceu desse papel”². É assim que Isaias define seu livro - “um desaforo”. Um desaforo às “camisas de forças” engendradas pelas políticas acadêmicas, pautadas pelo produtivismo. Nesse sentido, o rigor preconizado, e realizado por Isaias, está comprometido com a provocação, no mais das vezes, destilada com elegância; sua irreverência está comprometida, como destacou em outra entrevista, com o denominador comum de sua obra - seu “ódio ao poder” (De Negreiros, 2012).

Das irreverências no trato pessoal às críticas presentes em sua obra literária e acadêmica, Isaias está constantemente a provocar. A fazer pensar, questionar. Sobre os limites de uma caixa de condicionamento (Pessotti, 2019); sobre (a repetição dos) problemas nas classificações dos transtornos mentais (Pessotti, 1984; 1994; 1996; 1998); sobre a potência de uma “formação histórico-crítica”, e dos perigos de uma formação dogmática e fundamentada nos mitos da descoberta, do fato e da verdade (Pessotti, Andrade & Todorov, 1985).

Há alguns anos, ainda na condição de orientando do Prof. Isaias, caminhava entre as prateleiras do setor de Filosofia de uma biblioteca, até que um título me deteve. Na contracapa, encontrei um parágrafo que na hora me fez pensar em meu “velho orientador” (para emprestar a expressão que ele mesmo usava jocosamente, ao tratar sobre Bento Prado Jr. amigo, orientador de seu mestrado em Filosofia, e quatro anos mais novo que ele):

Não estávamos suficientemente sóbrios. Tínhamos muita vontade de fazer filosofia, não nos perguntávamos o que ela era, salvo por exercício de estilo; não tínhamos atingido este ponto de não-estilo em que se pode dizer enfim: mas o que é isso que fiz toda a minha vida? Há casos em que a velhice dá não uma eterna juventude mas, ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um dardo que atravesse as eras. (Deleuze & Gatarri, 1993, p. 9)

Acho que assim vi, e vejo Isaias - a lançar dardos. Acho que assim desejei, e desejo que se encontre a viver e celebrar seus 90 anos (e os que mais vierem) - a desfrutar uma soberana liberdade. Que essa homenagem possa carregar a admiração e afeto que tantos, como eu, sentem e lhe devotam. Que suas histórias - seus “dardos lançados” - possam seguir atravessando, provocando e inspirando nosso porvir.

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesses relativos à publicação deste artigo.

² Entrevista concedida para a Rádio Câmara, intitulada “Isaias Pessotti e a vocação descoberta aos 60”, disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/303550-isaias-pessotti-e-a-vocacao-descoberta-aos-60/>

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons 4.0 BY-NC.



Referências

- ABPMC (2021). *Histórias e personagens - Isaias Pessotti*. Disponível em: <https://abpmmc.org.br/site/historias-e-personagens/isaias-pessotti/>. Acesso em 20 de novembro de 2023.
- De Negreiros, D. (2012). *Meu deus é a questão*. Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/41178-meu-deus-e-a-questao.shtml>. Acesso em 20 de novembro de 2023.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1993). *O que é a Filosofia?* (B. Prado Jr & A. Muñoz, Trans.). Editora 34.
- Guerrelhas, F. (2012). História de vida - Dr. Isaias Pessotti. *Boletim Paradigma*, 7(1), 29-31.
- Otero, V. R. L. (2006). Homenagem a sócio-honorário: Isaias Pessotti. *Temas em Psicologia*, 14(1), 9-12.
- Pessotti, I. (1984). *Deficiência mental: Da superstição à ciência*. Edusp.
- Pessotti, I. (1993). *Aqueles cães malditos de Arquelau*. Editora 34.
- Pessotti, I. (1994). *A loucura e as épocas*. Editora 34.
- Pessotti, I. (1996). *O século dos manicômios*. Editora 34.
- Pessotti, I. (1999). *Os nomes da loucura*. Editora 34.
- Pessotti, I. (2019). *Discriminação Condicional em Melipona (Micheneria) Rufiventris Lepeletier: controle do comportamento com sujeito livre: o desafio das variáveis*. Sociedade Brasileira de Psicologia - SBP.
- Pessotti, I., Andrade, J. E. & Todorov, J. C. (1985). Pesquisa e ação política, profissional, científica... . *Psicologia: Ciência e Profissão*, 5(2), 18-26. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931985000200006>

Submetido em: 29/11/2023

Aceito em: 29/11/2023